

PAUL A MISSÃO
TOURNIER DA MULHER

**PAUL
TOURNIER** A MISSÃO
DA MULHER

TRADUÇÃO
Renira Cirelli Appa



Editora Ultimato
Viçosa, MG

A MISSÃO DA MULHER

Categoria: Família / Comportamento / Liderança

Copyright © 1988, Delachaux et Niestlé

Publicado originalmente por *Delachaux et Niestlé*, Paris, França

Título original em francês: *La Mission de la Femme*

Segunda Edição: *Maio de 2008*

Tradução: *Renira Cirelli Appa*

Revisão: *Bernadete Ribeiro*
Daniela Cabral

Capa: *Caio Campana*

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T728m
2008

Tournier, Paul, 1898-1986

A missão da mulher / Paul Tournier ; tradução
Renira Cirelli Appa. — Viçosa, MG : Ultimato, 2008.
208p.; 21cm

Tradução de: *La mission de la femme*.

Inclui referência bibliográfica.

ISBN 978-85-7779-004-3

1. Relações humanas. 2. Self (Psicologia) 3. Papel sexual.
4. Mulheres - Psicologia. 5. Emoções. I. Título.

CDD 22.ed.302

PUBLICADO NO BRASIL COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

<i>Apresentação à edição brasileira</i>	7
1. Relação objetiva e relação pessoal	11
2. O mundo das coisas e o mundo das pessoas	21
3. A escolha da Renascença	33
4. A mulher possui o sentido da pessoa	47
5. O medo da emoção	61
6. A mulher no lar ou no trabalho	73
7. Promoção da mulher	85
8. Hesitações	97
9. Valorização	109
10. Reflexões	121
11. Palavras de mulheres	133
12. Será que o homem escuta?	147
13. O desdém	161
14. A lição da genética	175
15. Missão da mulher	189
<i>Bibliografia</i>	201

Apresentação à Edição Brasileira

A ALMA FEMININA COMPANHEIRA DO HOMEM

COMO POUCOS AUTORES, PAUL TOURNIER mostra-se próximo e intérprete do universo feminino. Neste livro ecoa a voz da esposa e colaboradora, Nelly, com quem partilhou diversas dimensões da intimidade. Aprendiz confesso, guiado pela mulher, desabrochou para uma rica vida de relação interpessoal. Em texto escrito na primeira pessoa, entrega-se a si próprio, buscando estabelecer com o leitor uma relação pessoal. Escuta e dá voz à mulher, aos seus sentimentos, à sua força instintiva. Citando um texto de Françoise Dolto, podemos dizer que nestas páginas fluem a menstruação, o parto e o aborto, bem como os ricos simbolismos da subjetividade feminina.

O autor é um homem de bem com sua *anima*, em condições de apontar para os outros homens o caminho da completude e da humanização: baixar a guarda, questionar preconceitos, reconhecer a mulher como companheira e parceira dada por Deus.

A Missão da Mulher brinda-nos com valiosos elementos extraídos do cotidiano social e familiar que ilustram desencontros, equívocos e o mal-estar nas relações de gênero. Num estilo coloquial, íntimo e pessoal de observar e refletir, recolhe da história, da biologia e da literatura amplo conteúdo de fatos e versões que marcam as relações homem–mulher no Ocidente.

Outros livros do autor já impactaram uma legião de leitores em todo o mundo. É citado pela maioria dos especialistas em aconselhamento e psicoterapia nos meios cristãos, bem como por autores seculares que lhe reconhecem o mérito de fundar uma psicologia da pessoa na prática da medicina. Tournier é um dos pioneiros no movimento de humanização da medicina e foi um psicoterapeuta que levava em conta o sagrado.

Seu olhar é poético, sua atitude é carinhosa, e sua postura intelectual lhe permite reconhecer méritos em colaboradores de distintas tendências. É orientado para a descoberta do que é saudável no outro, sem, contudo, perder a necessária objetividade crítica e analítica.

Mostra a mesma atitude em relação aos temas técnicos de que trata em *Técnica Psicoanalítica e Fé Religiosa* e *Medicina da Pessoa*. Imerso na graça de Deus, contribui para a desconstrução de culpas falsas e neuróticas em *Culpa e Graça*. Com perícia e propriedade, usa contribuições de várias fontes para constituir e contextualizar sua fala. Quase trinta anos depois de seu lançamento, *A Missão da Mulher*, agora em nova tradução em português, mantém sua relevância para

acompanharmos a evolução de uma questão sempre atual: as relações homens–mulheres. É oportuno para nosso tempo, de tantas incertezas e falta de referências, em que milhões de homens e mulheres se mostram confusos em suas identidades e seus papéis.

Tournier dialoga com filósofos e pensadores do Ocidente e do Oriente, alargando nossa compreensão sobre as relações homem–mulher, o lugar do feminino na alma masculina e a evolução das relações de gênero em boa parte das sociedades ocidentais.

Dialoga com feministas, reconhecendo o mérito das questões sobre a opressão masculina, que lançou a mulher na periferia do sistema social, numa posição subalterna e indigna – posição que, para muitos, seria da ordem da natureza, vontade divina; para as feministas e historiadores mais recentes, uma conjunção de fatores enraizados na história e com legitimação religiosa e política. Tournier coloca-se na perspectiva da mulher e a escuta. Aí acontece algo novo, uma revelação de outra ordem do saber: o saber do coração, da intuição, tão rarefeitos em nosso mundo, moldado pela força e pelo desejo masculinos. Porém, em diversos momentos, cutuca determinadas posturas de setores feministas como tendo assumido preconceitos machistas e atitudes tipicamente masculinas, em detrimento da mulher.

Analisa o impacto de construções teológicas na constituição das imagens e idéias sobre a mulher. Lamenta as distorções e os prejuízos que o Ocidente sofreu com a misoginia grega assumida, que influenciava a leitura e compreensão das Escrituras, e culpabilizava a mulher, contra as próprias Escrituras! Em certas considerações inovadoras, deixa-nos a pergunta sobre quem melhor teria compreendido Jesus: os homens ou as mulheres? Por ser a teologia quase inteiramente uma

obra de homens, o autor lamenta o estado de tantos textos teológicos que são como escritos maquinais, movidos por uma razão sem alma, que exclui as emoções e a intuição, tão natural nas mulheres.

Chama-nos a atenção para os provocantes diálogos de Jesus com mulheres. Da mente/ventre feminina, na relação com Jesus, são concebidos *insights* profundos sobre a nossa humanidade e o reino de Deus. Cristo resgatou a mulher do desprezo, da humilhação e do apagamento em todas as culturas. Se hoje, em boa parte do mundo, as mulheres e as crianças desfrutam de melhor condição, o parteiro da liberdade e dignidade femininas é o homem de Nazaré. Ele é matriz da esperança e justiça para todos, homens e mulheres, para que vivam reconciliados.

AGEU HERINGER LISBOA

Psicólogo e mestre em ciência da religião

1.

RELAÇÃO OBJETIVA E RELAÇÃO PESSOAL

SIM, CREIO em uma missão da mulher hoje. Durante muitos séculos, o homem descartou a mulher da vida pública e construiu sem ela nossa civilização técnica ocidental – uma sociedade masculina, ordenada de acordo com os valores masculinos –, na qual falta tragicamente tudo aquilo que a mulher poderia oferecer.

Antes de abordar os problemas da mulher, quero evocar minha própria vida, infância e juventude, da qual tenho falado constantemente em conferências, mas pouco em meus livros. Para que você, que hoje abre este livro, possa me acompanhar e melhor compreender, vou seguir passo a passo minhas experiências pessoais e tentar demonstrar por que elas despertaram em mim a idéia de que a mulher tem hoje um papel particular e importante a desempenhar.

Meu pai nasceu em 1828, no mesmo ano em que Henri Dunant, o fundador da Cruz Vermelha, e acho que no mesmo quarteirão da velha cidade de Genebra. Tinha setenta anos quando nasci.

Certa vez, conheci uma senhora idosa que morou no prédio onde nasci. Na época de meu nascimento, ela era uma menininha de oito anos; obtive autorização para me ver recém-nascido. Ela disse que guardava, sobretudo, a recordação de meu pai, louco de alegria por, naquela idade, ter um filho.

Mas meu pai morreu dois meses mais tarde e pode-se imaginar o quanto minha mãe apegou-se a mim, o pequeno que o velho marido lhe deixara, e o quanto eu mesmo liguei-me a ela. Eu tinha uma irmã de quatro anos e que, com razão, poderia muito bem ter ciúmes devido à preferência de nossa mãe.

Ainda mais que, aos seis meses, fiquei gravemente doente. Mais tarde, conheci muito bem o pediatra que cuidara de mim. Conduziu-me um dia a seu arquivo para me mostrar a ficha na qual havia escrito: "Esta criança está perdida". Felizmente, um velho professor sugeriu que me alimentassem com leite de jumenta. Correram a procurar uma, para grande prazer de minha irmã, que dava voltas no prado montada no animal. Bela revanche! Assim, devo a vida à medicina, se bem que os meios fossem menos poderosos que os atuais, e a uma jumenta, animal evangélico por excelência.

Mas minha mãe morreu após um longo período de doença e várias cirurgias. Eu tinha seis anos. Minha irmã e eu fomos recolhidos por um casal de tios que nos educaram com a maior devoção. Devo lhes render aqui esta homenagem, principalmente ao meu tio, que respeitou minha própria filiação: nunca me deixou esquecer que não era seu filho e que devia ser eu mesmo, o filho de meu pai.

Não tenho, portanto, nenhuma reprovação a fazer a quem me educou com tanta afeição. Contudo, o que é decisivo para uma criança é o que ela mesma experimenta. Quando mamãe morreu, tive a impressão de mergulhar num buraco negro, de não mais contar, daquele dia em diante, com ninguém. Lembro-me muito mal da mamãe, menos que o normal para uma criança de seis anos. As boas recordações do passado foram, provavelmente, reprimidas com a tristeza, deixando somente um sentimento de vazio. Então fiquei doente de novo, introspectivo, solitário, tímido, selvagem, incapaz de criar vínculos com qualquer colega.

De preferência, subia em árvores para deixar meu mundo bem isolado, ou então tomava como confidentes os cães de caça dos meus tios. Os resultados escolares eram medíocres. Naquele tempo, ignorava-se o papel dos fatores afetivos no desenvolvimento da criança; se ela não fosse bem na escola, atribuía-se somente à preguiça ou à burrice. Ora, nunca me achei preguiçoso...

Sabe-se hoje o quanto a escola pode ser impessoal para com um aluno mal integrado. Foi muito mais tarde – eu tinha então dezesseis anos – que um dos meus professores, mestre de grego, entendeu minha angústia e fez um gesto insólito para derrubar o muro moral atrás do qual me escondia: convidou-me para ir à casa dele. Ah! Como fiquei intimidado ao entrar naquele escritório austero, forrado de livros! Não sabia o que dizer e, mais tarde, achei que até meu mestre havia ficado sem graça.

Fomos nos ligando pouco a pouco. Escutava-me, não como a um aluno que está sendo interrogado, mas como a um ser humano, uma pessoa. Interessava-se por mim, dava-me oportunidade de me expressar, de descobrir a mim mesmo ao me expressar. Iniciou-me no diálogo, arrancou-me da solidão. Foi

muito mais tarde que compreendi que ele havia sido para mim um psicoterapeuta. E continuei, durante muitos anos, a ir toda semana a sua casa, mesmo quando já não era seu aluno.

O efeito foi mágico. No ano seguinte organizei a classe em uma associação e tornei-me o presidente. Tínhamos discussões apaixonadas. Era a época da Primeira Guerra Mundial. A Suíça estava dividida, os Confederados do Norte simpatizavam pela Alemanha e nós, pela Bélgica invadida e pela França. Além disso, promovíamos noites teatrais e, com a ajuda do mestre, interpretamos um ato de Eurípedes, em grego, um de Platão, em latim, e um de Molière, em francês. Logo comecei a escrever e, com um amigo, criamos uma peça histórica sobre Nicolas de Flüe, o pacificador da Suíça.

Assim, havia-se aberto para mim um período de ação social e de debates intelectuais e políticos que durou muitos anos.

A revolução russa veio inesperadamente, levantando na Alemanha derrotada problemas que a Suíça sofria como consequência, sobretudo entre os estudantes. Eu presidia o principal e centenário grêmio de estudantes da Universidade de Genebra. Fazíamos grandes discursos em Lausanne, Zurique e Lucerna.

Depois parti para Viena, a serviço do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, para auxiliar no repatriamento de prisioneiros de guerra russos, austríacos e alemães. Em seguida, trabalhei no socorro internacional às crianças, principalmente as que sofriam fome na região da Bacia do Volga. Criamos um secretariado internacional do movimento da juventude para o socorro da infância. Em Genebra, fundamos um sanatório para os lactentes cujas mães haviam sido tomadas pela tuberculose. Enfim a igreja; entrei em um órgão diretor, como porta-voz dos "filhos inquietos da Igreja" – como éramos chamados –, um grupo de jovens leigos e teólogos que desejavam

reanimar o fervor e a fidelidade. Fiquei entusiasmado com Calvino e polemizava pela ortodoxia contra o modernismo.

Tudo isso com um zelo e sinceridade inegáveis, mas que dentro da igreja suscitava mais divisão que edificação. Também provei um certo mal-estar que não podia explicar nem a mim mesmo. Foi então que encontrei meu segundo psicoterapeuta, um holandês perito financeiro, alto funcionário da ONU. Ele também, como meu mestre de grego, convidou-me para ir a sua casa. Eu estava, então, com trinta e quatro anos.

Esse meu novo amigo conheceu um movimento religioso fundado por um pastor americano, Frank Buchman, que se chamava Grupo de Oxford, em referência à universidade inglesa em que o grupo começara. A tônica desse movimento não eram os dogmas e a teologia, mas sim a obediência concreta à inspiração de Deus na vida cotidiana, pública ou privada. Fui também atingido por esse movimento. Lá praticávamos os testemunhos pessoais e o que chamávamos de “compartilhamento”, uma abertura profunda de uns para com os outros.

Já na minha primeira visita à casa de Buchman, ele contou sobre sua vida íntima com uma simplicidade e uma coragem que eu nunca vira antes. Quando ele terminou, senti que não podia falar de minhas atividades, como acabei de fazer, mas sim de mim mesmo, de minha história pessoal. Foi assim que exprimi, pela primeira vez na vida, meu sofrimento de órfão, tudo banhado em lágrimas.

O diálogo com o professor de grego fora sempre e tão somente intelectual. Sabia tudo de sua vida: que havia se divorciado, recasado, mas tudo de ouvir dizer. Ele mesmo nunca me dissera nada. Eu também só exprimia idéias, jamais sentimentos. Falávamos de problemas religiosos, mas era em

termos filosóficos. Eu era cristão; ele, espiritualista. Ele cria em um espírito universal, mas não em um Deus pessoal. Nenhum de nós suspeitamos na época que fora esse Deus pessoal quem se serviu de meu amigo para, pela primeira vez, fazer-me sair da solidão.

Então meu amigo holandês fez com que eu me abrisse para o mundo pela segunda vez: descobri uma outra forma de diálogo, o emocional, verdadeiramente pessoal. No fundo, durante todos aqueles anos de discussões e ação social, continuava, sem saber, um solitário dentro de minha alma. Tanto que, um dia de madrugada, na calçada, ao sair de uma alegre reunião de estudantes, um colega aproximou-se de mim e disse gentilmente: "Soube que você foi órfão". Na mesma hora experimentei de novo aquela bola de angústia bem conhecida, que subia até a garganta. Com medo de chorar, escondi-me na escuridão da noite sem responder uma palavra.

Pode-se discursar diante de multidões, dar conferências, exercer uma ação diante da sociedade sem nada revelar de si mesmo. Há dois modos de se relacionar com os outros: um intelectual e objetivo, e outro emocional e pessoal. Falei freqüentemente de dois níveis de diálogo: um superficial e outro profundo. Mas hoje me parece mais apropriado falar em dois pólos. Pois o diálogo de idéias também tem sua importância, pode ser profundo, depende das opções fundamentais daquele que fala. Nada nos permite declarar que um dos tipos de relacionamento seja superior a outro; são simplesmente diferentes e complementares.

Há quase vinte anos, eu experimentara, alternadamente, um dos tipos de relacionamento com o mestre de grego, uma experiência decisiva, exemplar; depois, o outro tipo com o holandês; bem distintos um do outro, mas ambos tão claros e convincentes quanto uma experiência de laboratório. Eis

por que um amigo aconselhou-me a começar este livro pela narração de minha própria vida. Pois esses dois modos de relação correspondem respectivamente às qualidades dominantes do homem e da mulher: a relação objetiva refere-se à tendência racional do homem; e a relação pessoal, à tendência afetiva da mulher.

Ora, todos sabemos que a relação objetiva nos é ensinada desde o maternal, que ela domina nossa concepção de mundo e da vida, não apenas dentro das ciências naturais, mas dentro das ciências econômicas, sociais e humanas; que ela constitui a norma, universalmente divulgada e reconhecida em todos os domínios. Enquanto que a relação pessoal é extremamente rara e depreciada. Também o homem está à mercê dessa sociedade racional. Ele é pouco consciente do que lhe falta. Ao passo que a mulher experimenta com isso uma certa inquietação. Sua vida afetiva e sua necessidade de contato pessoal não encontram reciprocidade.

É verdade que a mulher é capaz de se adaptar a este mundo masculino. Ela demonstrou isso muito bem no decorrer dos séculos e pode assumir hoje eficazmente qualquer posto reservado outrora aos homens. Mas isso não resolve o problema. Não é somente desenvolvendo atitudes masculinas que ela pode encontrar seu desabrochar, mas sim re-introduzindo em nosso Ocidente moderno a relação pessoal que falta. Mas não é fácil, dentro do ambiente de objetividade que caracteriza nossa civilização, tomar a atitude do compromisso pessoal.

Fiz isso, a despeito de mim mesmo; optei pela pessoalidade aos trinta e quatro anos de idade. Oscilei bruscamente de um pólo a outro e hoje me dou conta de que foi excessivamente, como acontece quando se oscila. Descobri a relação pessoal e o quanto isso foi proveitoso para mim mesmo, para o próximo e para a união de ambos. Era muito mais fecundo exprimir

um ressentimento ou mágoa do que discutir sobre um assunto lançado em livros, na escola ou mesmo nas reflexões intelectuais.

Descobri um contato novo e emocionante com os outros: primeiro com Nelly, minha mulher. Nós nos entendíamos bem e nos amávamos. Mas eu havia sido até então, como ela mesma diz agora, mais professor do que marido; um professor, um psicólogo, mesmo um pastor, querendo sempre ensinar e explicar tudo intelectualmente, sem perceber que tinha tudo para aprender dela em matéria de relacionamento pessoal verdadeiro. Também ela se tornou rapidamente minha terceira psicoterapeuta e professora. Minha relação com os filhos e amigos e, por fim, a relação com meus pacientes, também se enriqueceu. Isso sem sombra de dúvida transformou minha carreira profissional.

Minha relação com Deus tornou-se totalmente diferente. Pois até então a religião havia sido para mim um debate de idéias; de idéias verdadeiras ou falsas sobre Deus, sobre Jesus, sobre o homem e sobre doutrinas. Aprendi a me recolher, a escutar Deus, a reencontrá-lo e a aprofundar minha intimidade com ele. De repente, descobri o quanto havia gravemente faltado com amor e caridade durante as discussões partidárias.

Fiz então uma série de visitas a antigos adversários, para lhes pedir perdão. Primeiro, a um velho pastor que eu havia criticado duramente; depois, ao meu próprio pastor, sucessor de meu pai, que havia cuidado de mim durante toda a minha juventude, como órfão daquele que fora seu mestre. Vale dizer o quanto isto nos aproximou, muito mais do que convicções teológicas, pois quando nos encontrávamos numa assembléia, encarnávamos respectivamente duas tendências: ele, a tradição e a prudência; eu, a mudança e a audácia. E

nos dirigíamos um ao outro como líderes de dois partidos opostos. Ficamos de joelhos em seu escritório, implorando juntos o perdão de Deus.

Mas o que me espantou mais ainda foi ver outros antigos adversários tomarem a iniciativa de entrarem em meu consultório a fim de pedirem minha ajuda em seus problemas pessoais. Até então só prestara atenção neles para combater suas idéias teológicas, sem jamais olhar para as pessoas que eram. Então eles revelaram perante mim seus sofrimentos, seus conflitos íntimos, seus dramas secretos, escondidos por anos, como eu mesmo escondera os meus, atrás da fachada de polêmicas intelectuais.

Rapidamente ficamos amigos. Eu partilhava de suas angústias, compreendia seus comportamentos. E eles tinham confiança em mim. Minhas novas experiências haviam despertado neles a esperança de encontrar em mim a ajuda que não haviam encontrado em parte alguma. Eu descobri a solidão neles. Medi a grande distância que há, para todo mundo, entre a relação intelectual e a relação pessoal.

No entanto, há um vínculo entre nossas idéias e nossos problemas pessoais, um elo do qual geralmente não temos consciência e que os outros ignoram, tanto que nós não nos abrimos sobre nossa vida afetiva. As idéias são impessoais, são coisas com as quais podemos jogar e negociar como se fossem mercadorias. Elas até nos servem de munição dentro do combate da vida. E permanecemos tão sós que não conseguimos estabelecer com o outro um modo diferente de relação.